

CRISTINA ROBALO CORDEIRO
COORDENAÇÃO

TOLOGIA

FRANCOFONIAS EM DIÁLOGO

Dos anos 80
à atualidade

iu

LITERATURA E MEIO AMBIENTE PARA UMA ECOCRÍTICA COMPARADA¹

Alain Suberchicot

Alain Suberchicot é professor de estudos americanos, na Universidade Jean Moulin – Lyon III e especialista em questões ambientais no universo cultural norte-americano. É autor de obras como *Littérature américaine et écologie* (L'Harmattan, 2002) e *Moby Dick, désigner l'absence* (Champion, 2008), entre outras. Em *Littérature et environnement – Pour une écocritique comparée* (Champion, 2012), Alain Suberchicot explora um conjunto de textos literários de autores norte-americanos, franceses e chineses, representativos de um contexto cultural globalizado e que oferecem uma perspectiva sobre as várias modalidades da relação entre o homem e a natureza. Neste livro, Suberchicot afasta-se de toda uma tradição de *nature writing* e do modelo dominante da ecocrítica de inspiração norte-americana para a inserir no campo da literatura comparada, propiciando uma abordagem mais abrangente da temática ambiental e ecológica na ficção literária. O excerto selecionado constitui as primeiras páginas do texto de introdução à obra, intitulado “Frontières”, no qual Superchicot procura

¹ Este texto é a tradução de um excerto do livro *Littérature et environnement – Pour une écocritique comparée*. Paris: Éditions Champion, 2012.

compreender de que modo a literatura se apropria das questões ambientais e qual poderá ser o seu contributo para uma reflexão sobre os problemas ecológicos da nossa época. Considerando que a literatura deve ser capaz de interrogar todas as dimensões sociais da existência humana, o autor lança os fundamentos para a construção de uma ecocrítica comparada em torno da relação entre o homem e o meio que o rodeia.

Não é de estranhar que a literatura se apodere de novos temas, que as fronteiras do literário estejam em permanente expansão, pois não se trata de um fenómeno recente. A história do facto literário é mesmo essa: novos temas, novas formas, boas ou más, e seguramente más para os que gostam das tradições; renovação que aparece muitas vezes como a oportunidade de suscitar receções favoráveis, ou de alcançar, graças a essas novidades, a notoriedade ou o sucesso junto de determinado público. O sentimento da natureza interfere certamente nesta capacidade de renovação da literatura, nomeadamente nos tempos da emergência e avanço dos romantismos europeus, do Transcendentalismo além-Atlântico e do estabelecimento de uma civilização paisagística na China, fenómeno anterior a tudo o que os ocidentais tiveram oportunidade de conhecer².

A apreensão dos elementos que nos permitem construir uma ecocrítica comparada obriga-nos a uma análise do tempo em que o sentimento da natureza se especializa e passa a preocupar-se com o meio-ambiente e a ecologia. Acredita-se erradamente que tenha sido nas poucas décadas que nos antecedem. Não é verdade. Este termo foi, como se sabe, um neologismo usado pela primeira vez pelo

² Sobre este assunto ler, de Augustin Berque, *Ecoumène: introduction à l'étude des milieux humains*, Paris, Belin, 2009, p. 159 e seguintes: "Le plus décisif, et de loin, aura été la découverte du paysage en Chine, au IVE siècle de notre ère. C'est là en effet que la montagne boisée, motif par excellence de la sauvagerie, a été transmutée du négatif au positif. Nous vivons encore aujourd'hui, et de plus en plus, dans la médiance qui s'est alors mise en place".

cientista alemão Ernst Haeckel, em 1969, na sua palestra inaugural proferida na Universidade de Jena. Com esta palavra, *œcologie*, Haeckel criava um termo muito pouco germânico, que carregava o peso das línguas antigas e que juntava, numa mesma expressão, *oikos* e *logos*. A ideia, ainda relativamente recente na Europa, era que entre os humanos e seus domicílios existia um parentesco, ou uma relação, e como qualquer relação, esta podia ser fácil ou difícil, podia dar origem a uma colaboração ou uma concorrência. O caminho abria-se assim ao literário: enquanto o espaço representava o local de uma relação concorrencial entre a casa-natureza (*oikos* em grego significa lar) e os seus habitantes, as letras seriam a proclamação de um *ethos* muito distinto das práticas humanas mais comuns, como as que consistem em usar, saquear, empilhar, recolher ou até mesmo matar³. Existe neste confronto entre procedimentos naturais e a ação humana atuando contra eles, ou neles, uma nova fronteira da literatura e uma capacidade de expansão das suas temáticas, que tem sido para ela um meio de apreensão da via política.

A influência intelectual de Ralph Waldo Emerson (1809-1882), amplamente lido no mundo anglófono, muito para além das proporções bem mais restritas dos Estados Unidos no século XIX, um país que não tinha a importância que tem hoje, pode ter mudado a forma de pensar a literatura. Um ensaio em particular, intitulado "Círculos", delineava para as letras perspectivas de conquista e de relação, outorgando à escrita literária uma tarefa colossal que dependia de uma representação da consciência humana enquanto potência em expansão.

A consciência humana tinha que alargar os limites de um círculo estreito, no qual se julgava que ela estava confinada, e Emerson impunha-lhe a tarefa de procurar sempre mais além os seus objetos

³ A este propósito a obra de Donald Worster, intitulada *Nature's Economy: a history of Ecological Ideas*, Cambridge University Press, [1977] 1995, capítulo "Words on a map", pp. 191-204.

de pensamento. A nossa verdadeira casa já não era constituída apenas por quatro paredes. "A vida do homem", escrevia ele, "é um círculo que evolui a partir de si próprio, e que, de um anel apenas perceptível de tão pequeno ser, se vai ampliando em todos os sentidos para formar círculos novos e cada vez maiores, e assim infinitamente"⁴. Todos os riscos desta expansão humana, uma expansão simultaneamente intelectual e económica, estão contidos nas palavras de Emerson e são precisamente estes riscos que despertam o interesse da literatura, que ao mesmo tempo se apropria da temática da utilização da natureza. Não encontrar um fim pode ler-se de várias maneiras. Significa que a vida do homem é um crescimento infinito e, neste sentido, não tem fim, mesmo que isso se possa revelar perigoso para os meios vivos, dos quais os seres humanos fazem parte; o homem é crescimento infinito, mas não encontra um fim, ou seja, uma finalidade. O *ethos* é, portanto, eternamente fugaz e isso está implícito em Emerson. Já na caverna de Platão, era bem difícil de fazer a distinção entre o bem e o mal, olhando para as sombras projetadas na parede. Preocupação ética: eis uma característica dominante da literatura centrada em questões ecológicas e ambientais.

Falar de expansão, implica também falar de expansão do literário, nomeadamente do esbatimento da oposição entre ficção e não-ficção. Os exemplos abundam, sobretudo no campo da literatura americana, sustentada pelo maior mercado editorial do mundo, o que levou à criação de categorias e escritas especializadas. Temos inúmeros casos: para além dos textos pertencentes ao património literário americano, como os de H. D. Thoreau, de R. W. Emerson ou ainda de John Burroughs ou de Aldo Leopold, existe no decurso da vida intelectual americana um conjunto relativamente homogéneo de textos militantes que são também ensaios muito devedores dos meios literários.

⁴ Ralph Waldo Emerson, *Essays and Lectures*, Joel Porte, ed., New York, The Library of America, 1983, p. 404.

É o caso de *Silent Spring*, de Rachel Carson, uma obra centrada na temática do envenenamento por DDT, publicada nos anos sessenta, e que marcou o público culto dos Estados-Unidos, tendo levado à proibição do perigoso pesticida⁵. Este livro, que nos descreve uma primavera sem pássaros, pois todos foram envenenados – daí o título –, inaugurou uma longa série de textos que alertam para os perigos da poluição industrial, a de origem química em particular, convocando para esse efeito os recursos da literatura: força do testemunho. Delicadeza da escrita, aspeto metódico da obra, alucinação e distância dão forma a um imaginário que não pode ser simplesmente jornalístico ou militante. Podemos ainda pensar na obra de Duff Wilson, intitulada *Fateful Harvest (Maudite récolte)*⁶, que é bem mais recente. Duff Wilson é jornalista, mas retoma uma longa tradição americana de denúncia dos males da sociedade industrial, uma tradição que já existe há pelo menos um século, e produz uma obra que se inscreve na mesma linhagem do que a de Rachel Carson.

Assim sendo, poderá a escrita ecológica ou ambiental ser reduzida à não-ficção? E será apenas a ficção o critério do literário, uma questão relacionada? É como se, no campo ambiental e ecológico, a não-ficção anexasse cada vez mais a criação literária ao ponto de a encarnar por direito próprio, num mundo sedento de testemunhos, memórias e acontecimentos que tiveram lugar. É verdade que a literatura da ecologia é uma literatura do fim do mundo. O fim do mundo nunca é certo, mas a deploração tem interessado desde sempre. A literatura da ecologia encontrou a herança sobre a qual se apoiar. E todo o texto precisa de anterioridade para se apoiar nestes tempos

⁵ Rachel Carson, *Silent Spring*, Al Gore, int., Boston & New York, Houghton Mifflin, [1962], 2002. A tradução francesa data de 2009, graças ao labor editorial de Baptiste Lanaspèze nas edições Wildproject. Ler em francês, de Rachel Carson, *Printemps silencieux*, Paris, Wildproject, 2009.

⁶ Duff Wilson, *Fateful Harvest, The True Story of a Small Town, a Global Industry, and a Toxic Secret*, New York, Harper Collins/Perennial, 2001.

de refluxo das literaturas experimentais e de restrições formais. Ora, a procura de credibilidade, ou simplesmente de autoridade, leva a um desejo de compensação: e o que poderia ser mais eficaz do que este desejo de compensação para construir um pós-realismo, ou seja, um excesso de realidade resultante de um desejo de convencer, numa altura em que não são raras as manifestações de ceticismo relativamente às alterações climáticas, por exemplo⁷? Poderá a ficção, tão arreigada que está na elipse e no implícito, assumir este incremento de provas necessárias?

TRADUÇÃO E NOTA INTRODUTÓRIA DE
MÁRCIA SEABRA NEVES

Universidade Nova de Lisboa

⁷ Ler-se-á, de Bjørn Lomborg, *The Skeptical Environmentalist: Measuring the Real State of the World*, Cambridge, Cambridge University Press, 2001 e, de Ronald Bailey, *Ecoscram: The False Prophets of Ecological Apocalypse*, New York; St Martin's Press, 1993. Dois livros muito apreciados por Claude Allègre, autor do prefácio da edição francesa da obra de Bjørn Lomborg (*L'Ecologie sceptique*, Paris, Le Cherche Midi, 2004). Consultar também a obra de Claude Allègre, intitulada *La Science est le défi du XXIe siècle*, Paris, Plon, 2009, em particular o capítulo IX, "Crises d'énergie", pp. 233-272.